



<https://doi.org/10.51880/ho.v26i3.1338>



História Oral: reflexões sobre a escola de samba Imperatriz da Zona Norte e a construção de uma identidade coletiva no Carnaval de Cruz Alta (RS)

Leandro Rosa Dal Forno*

ORCID iD 0000-0002-5243-3786

Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Pelotas, Brasil

Thiago Silva de Amorim Jesus*

ORCID iD 0000-0002-2536-6901

Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Pelotas, Brasil

Edgar Avila Gandra*

ORCID iD 0000-0003-4590-2705

Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Pelotas, Brasil

Resumo: O presente artigo se propõe a refletir sobre a escola de samba Imperatriz da Zona Norte, localizada na cidade de Cruz Alta, interior do Rio Grande do Sul, e uma possível construção de identidade coletiva no carnaval de Cruz Alta. Pretende ainda, dialogar com diferentes autores, tendo na História Oral a base metodológica para as discussões sobre Memória e Identidade, versando sobre as rupturas e permanências do passado no tempo presente.

Palavras-chave: História Oral. Memória. Identidade. Carnaval. Escola de Samba Imperatriz da Zona Norte.

* Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). E-mail: le.forno@gmail.com.

* Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Professor Adjunto do Curso de Dança - Licenciatura e Professor dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais (Centro de Artes) e História da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). E-mail: thiago.amorim@ufpel.edu.br.

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). E-mail: edgargandra@gmail.com.

Oral History: reflections on the Imperatriz da Zona Norte Samba School and the construction of a collective identity in the Carnival of Cruz Alta (RS)

Abstract: This article proposes to reflect on the Imperatriz da Zona Norte Samba School, located in the city of Cruz Alta, in the interior of Rio Grande do Sul, and a possible construction of collective identity in the carnival of Cruz Alta. It also intends to dialogue with different authors, having Oral History as the methodological basis for discussions on Memory and Identity, dealing with the ruptures and permanencies of the past in the present time.

Keywords: Oral History. Memory. Identity. Carnival. Imperatriz da Zona Norte Samba Schools.

Introdução

As relações geradas entre o carnaval, enquanto fenômeno sócio-histórico-cultural, e os sujeitos que compõem uma escola de samba, em suas diferentes dimensões, potencializam a encenação de um conjunto de ações que irão promover uma reflexão acerca do desenvolvimento social e cultural de uma sociedade.

Contudo, aproximar as questões referentes ao carnaval das discussões acadêmicas nas Ciências Sociais é um desafio constante dos pesquisadores da cultura popular brasileira, pois torna-se um instrumento de estudo importante para ser apreendido e analisado, dada a sua abrangência e complexidade.

Neste sentido, entendemos que é possível compreender o carnaval como uma territorialidade em construção, em que os sujeitos compõem e configuram a materialidade desse espaço, bem como a formação de uma identidade coletiva que, muitas vezes, é ressignificada por não haver um processo de preservação da memória e das trajetórias desses personagens que integram esses grupos sociais denominados escolas de samba.

O contexto escolhido para o aprofundamento das noções e percepções teórico-metodológicas deste trabalho de pesquisa é a escola de samba Imperatriz da Zona Norte, da cidade de Cruz Alta, localizada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, região sul do Brasil.

A escolha do presente tema e do recorte espacial justifica-se, sob o ponto de vista historiográfico, entre outros aspectos, como possibilidade de registro do carnaval de escolas de samba do interior do sul do país, pois entende-se, na maioria das vezes, que o carnaval nesse formato acontece somente em grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, ficando por vezes invisibilizados os carnavais interioranos, ainda mais em estados fora do eixo sudeste, como no caso do Rio Grande do Sul.

Além disso, embora a produção de conhecimento em torno da cultura popular brasileira tenha avançado, a investigação científica sobre o carnaval se faz cada vez mais necessária, uma vez que os registros e análises das peculiaridades desse tema

possibilitam um ganho acadêmico significativo no momento em que o presente trabalho propõe o estudo do carnaval a partir do campo de estudo das Ciências Sociais, mais especificamente da História.

Assim, este trabalho, através da História Oral, utilizando de seus procedimentos e técnicas, constituirá o caminho teórico-metodológico necessário para responder às questões da pesquisa, em especial no registro das memórias e na análise das narrativas para uma possível construção identitária coletiva dessa comunidade no/com o carnaval de Cruz Alta.

Logo, tal artigo, no âmbito da construção teórico-metodológica da pesquisa, ao compreender melhor a metodologia a ser utilizada, visa promover a constituição de estudos interdisciplinares e o fomento à criação de novos espaços de discussão na área de História em torno de questões sociais relevantes sobre a cultura popular brasileira.

O carnaval e a escola de samba Imperatriz da Zona Norte

O carnaval, evento popularmente conhecido e realizado na maioria das cidades brasileiras, pode apresentar um contexto socioespacial importante para a consolidação de diferentes movimentos. Enquanto manifestação da cultura popular brasileira, mobiliza um conjunto de fatores que potencializam características espaço-temporais próprias, articuladas fora do tempo e do espaço cotidiano globais da sociedade.

No carnaval, todo um conjunto de fatores sociais e históricos é combinado e re combinado para realizar o que percebemos como o carnaval antigo ou moderno, do interior e da capital, do Norte ou do Sul, dos ricos e dos pobres. Mas não se pode esquecer que isso ocorre desse modo porque todas essas situações são poderosamente dominadas pela ideia de que aqui temos um momento especial: fora do tempo e do espaço, marcado por ações invertidas. (Da Matta, 1997, p. 29).

Jesus (2009, p. 33) nos aponta que o carnaval é um dos eventos de maior abrangência e repercussão do Brasil, sendo considerada a festa mais realizada em todas as regiões do país e que assume um grau de mobilização nacional de relevante impacto na sociedade brasileira, adquirindo algumas características próprias de acordo com o local e o grupo que realiza.

É em função disso que o ambiente carnavalesco nos possibilita compreender as dinâmicas sociais e as relações entre os sujeitos que compõem o carnaval, a partir das escolas de samba, ampliando as dimensões sobre essa cultura popular e sua importância enquanto fato social. Blass (2007) nos diz que as escolas de samba contêm uma grande diversidade e pressupõem uma pluralidade que se expressa no rito de um desfile de carnaval.

Esses desfiles de carnaval, embora sejam espetáculos transitórios e efêmeros, constituem um palco privilegiado de 'socializações inclusiva'. Por isso, não há lugar, nessa manifestação cultural, para a homogeneidade definida por faixa etária, profissões, posição social, preferências sexuais. Ao contrário, abrigam, no seu interior, o diverso das partes, às diferenças individuais dos componentes para articular a unidade do todo e promover a igualdade em torno de algo maior, ou seja, o desempenho eficaz de uma escola de samba para si mesma e perante as demais. (Blass, 2007, p. 139).

Partindo desses pressupostos, compreende-se que a escola de samba Imperatriz da Zona Norte se constitui dessa diversidade de sujeitos que se organizam e se identificam, promovendo inúmeras formas de interação, socialização e vivências e produzindo experiências, histórias e memórias dessa comunidade.

Por localizar-se numa região socioeconomicamente humilde, na zona norte da cidade, a comunidade busca na escola de samba um lugar de apreço e pertencimento, pois ali as pessoas se tornam parte integrante de uma estrutura social que lhes acolhe, identifica e reconhece como importantes, independente das questões de classe, gênero, raça, religião ou orientação/situação sexual. É um lugar de expressão de sensações e sentimentos. A escola de samba torna-se um real potencializador da autoestima daquela comunidade.

Assim, identificamos que o objetivo dos estudos que temos desenvolvido circunda a ideia de manter vivas as memórias da escola de samba Imperatriz da Zona Norte e de compreender o quanto esse fenômeno de participação carnavalesca tem de valor e significado para a manutenção e preservação da cultura popular brasileira em Cruz Alta e no estado do Rio Grande do Sul.

História Oral como processo teórico-metodológico

Adotada como caminho metodológico para esta incursão de pesquisa, a História Oral nos permite traçar as estratégias de compreensão do passado através da memória dos sujeitos no tempo presente, privilegiando as narrativas como fonte oral.

A História Oral passou a ter mais importância quando a sociedade demonstrou interesse pela recuperação da memória coletiva e individual e pela valorização das biografias, e a demanda de preservar sua memória. “Todos esses elementos funcionaram como um grande estímulo para a ampliação do uso da história oral e, por tabela, para o aumento do interesse pela história recente” (Ferreira, 2018, p. 88).

Por sua vez, a história do tempo presente, perspectiva temporal por excelência da História Oral, é legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão histórica, tendo como fontes as narrativas.

Na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes, e a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes; a narrativa, a forma de construção e organização do discurso são valorizadas pelo historiador, pois, como lembrou Alessandro Portelli, fontes orais são fontes narrativas. (Ferreira, 2012, p. 172).

Fico (2012, p. 44) também observa que uma das principais peculiaridades da História do Tempo Presente é a pressão dos contemporâneos ou a coação pela verdade, isto é, a possibilidade desse conhecimento histórico ser confrontado pelo testemunho dos que viveram os fenômenos que buscam narrar e/ou explicar: “Trata-se, talvez, da única particularidade que verdadeiramente distingue essa especialidade das demais, embora muitos autores tenham tentado destacar outras singularidades do ponto de vista metodológico ou mesmo teórico”.

Em sua condição de teoria-metodologia, a História Oral também provocou inquietações, dúvidas e desafios. Para Ferreira (2012, p. 91), os historiadores que de maneira geral trabalhavam com uma história de períodos recuados, ou mesmo quando tinham como objeto o que se costumava definir como história contemporânea, não encaravam uma reflexão sobre o que significava abandonar a premissa da relevância “da visão retrospectiva” para se engajarem na produção de uma historiografia pautada em outros referenciais.

Na realidade, cada vez mais se praticava uma história recente, mas não se produziam reflexões sobre esse fazer. A urgência e a necessidade da história oral de se legitimar nos espaços acadêmicos iriam forçar um investimento em trabalhos de caráter teórico e metodológico. Foi para atender a essa demanda que as discussões relativas à memória e à noção de história do tempo presente emergiram ligadas ao campo da história oral. (Ferreira, 2012, p. 91).

Logo, a História Oral, ancorada na História do Tempo Presente, e privilegiando as discussões sobre a memória, consolida-se como um importante instrumento metodológico de análise para as diversas abordagens temáticas, advindas do passado, e que precisam ser refletidas no presente.

Pollak (1989) também observa que a História Oral, ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, constitui um campo em que as memórias subterrâneas se opõem à “memória oficial”, no caso, a memória nacional. Ou seja, ela nos permite trazer à tona questões ligadas a grupos e movimentos, até então invisibilizados, como da cultura popular e do próprio carnaval.

Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à

memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à 'Memória oficial', no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. (Pollak, 1989, p. 2).

Tedeschi (2014, p. 9) também nos aponta que o desenvolvimento da História Oral como parte de um método de investigação participativa abriu-se como um campo promissor quando teve a tarefa de descobrir “novos” sujeitos, e, a partir deles, compreender sua ação e interpretação do presente, apoiada na sua consciência do passado.

Na década de 1960 quando foram dados os primeiros passos na história oral como metodologia de trabalho, construíram-se dois princípios que a avalizaram: o primeiro foi a equiparação da história oral com a democratização da prática histórica; o segundo foi a ideia de que a história oral daria voz aos silenciados, às classes subalternas, aos pobres, às mulheres, aos(as) camponeses(as), às minorias étnicas, entre outros grupos, permitindo o acesso à experiência histórica subjetiva. (Tedeschi2014, p. 15).

A História Oral, então, abre espaço para que novos temas sejam pesquisados e analisados, trazendo para o foco das discussões acadêmicas questões antes invisibilizadas, silenciadas, que ganham voz e vez, nos permitindo acessar essas histórias e experiências, como no caso das culturas ditas periféricas.

Enquanto ciência e arte do indivíduo, a História Oral, embora diga respeito – assim como a Sociologia e a Antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, “visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e as memórias individuais, e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma” (Portelli, 1997, p. 15).

Com isso, este trabalho, utilizando dos procedimentos e técnicas da História Oral, constituirá o caminho teórico-metodológico para responder às questões da pesquisa, em especial no registro das memórias e na análise das narrativas para uma possível construção identitária dessa comunidade para com o carnaval de Cruz Alta.

Além disso, a pesquisa se define como História Oral Temática, pois o diálogo girará em torno do tema da pesquisa, tendo como foco a criação de um roteiro que possibilite a análise e confrontação das versões entre as narrativas.

As perguntas não principiam desde a infância do narrador, como na História Oral de Vida, a menos que esta questão tenha importância para o tema pesquisado. O

roteiro básico tem um papel fundamental e deve ser bem planejado e elaborado para abordar com amplitude e profundidade o objeto-problema. 'A hipótese de trabalho nesse ramo da história oral é testada com insistência e o recorte do tema deve ficar explícito de tal maneira que conste das perguntas a serem feitas ao colaborador' (MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 39). Na análise desta, há um apreço pelo confronto de versões, já que se necessita de, pelo menos, alguns entrevistados para abarcar o assunto. (Gill; Silva, 2016, p. 8).

Em tal processo dialógico, o pesquisador também terá que estabelecer um roteiro de perguntas que contemplem os objetivos da pesquisa, pois a preparação dos procedimentos é indispensável para a consolidação da entrevista. Gill e Silva (2016), a esse respeito, observam que o roteiro de entrevista deve possibilitar perguntas amplas, através das quais o narrador possa abordar diferentes aspectos, evitando a possibilidade de respostas simplistas como sim ou não.

No caso da história oral temática (HOT) há uma pontualidade maior que na história oral de vida (HOV). Mas ambos os roteiros precisam ser flexíveis, permitindo diferentes formas de rememorar e contar histórias, visto que quem significa suas memórias, em primeira instância, é o narrador. Então, se ele decide contar uma história, mesmo que fuja do tema, o entrevistador deve ouvir, ainda que depois precise retomar a questão anterior. (Gill; Silva, 2016, p. 2).

Para Portelli (1997), a análise das entrevistas deve ser feita de acordo com os problemas da pesquisa. Quando várias foram realizadas é pertinente cruzar informações/ versões, fazer análises comparativas, buscando evidências e conflitos nas narrativas. Ordená-las ou agrupá-las de algum modo é necessário. Podem-se destacar temas gerais e observar como cada depoente os entende. Entretanto, cada narrativa também deve ser analisada como unidade, com significado e compreendê-lo é um dever do pesquisador. E, cabe observar que "sentimentos, emoções, crenças, interpretações [...] até mesmo erros, invenções e mentiras constituem, à sua maneira, áreas onde se encontra a verdade" (Portelli, 1997, p. 25).

Sendo assim, a presente pesquisa em desenvolvimento deverá estabelecer uma rede de entrevistados, os quais contemplem as intenções do estudo, que possam responder o roteiro de perguntas, e posteriormente se estabeleça a relação dialógica com as análises e confrontações das narrativas dos sujeitos que compõem a escola de samba Imperatriz da Zona Norte.

Também podemos enfatizar que, como técnica, a História Oral é um processo que só ocorre com pessoas vivas e contemporâneas, e quando o pesquisador se encontra com o pesquisado, por assim dizer, torna-se uma fonte oral e histórica.

Gusmão (2008) também ressalta que as narrativas são sempre o cerne do trabalho, o objetivo central, porque a sua busca é pela narratividade, pela singularidade e, sobretudo, pela experiência.

Outro aspecto importante que se deve levar em consideração é a forma como se dá a interpretação na pesquisa com História Oral. Para Costa (2014), o narrador, ao reconstruir um fato, imprime sua marca na interpretação, e o pesquisador, ao ouvi-lo, pode atribuir ao mesmo fato outro significado. “Está posto o desafio: como o pesquisador pode fazer o trabalho interpretativo sem sufocar a voz do narrador? Como trabalhar a polifonia de vozes – narrador e pesquisador – na sua interpretação?” (Costa, 2014, p. 48).

Esse conflito deve ser mediado de forma que exista uma negociação entre narrador e pesquisador, levando em conta as forças culturais diversas, os valores, o lugar de fala e a subjetividade de ambos.

Na história oral existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular, isto é, são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo, o que leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas em uma rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa e a buscar caminhos alternativos de interpretação; a pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas, que são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando, assim, elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas — porque tradicionalmente relacionados apenas a indivíduos —, como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano. (Ferreira, 2012, p. 171-172).

De acordo com Portelli (1997, p. 18), a História Oral também tem que levar em consideração o reconhecimento, não só da diferença, como também da igualdade. Ou seja, “a diferença é, antes de mais nada, aquela entre as numerosas pessoas com quem conversamos, porém, compreende, também, o elemento de serem diferentes de nós - constituindo essa a razão primordial que nos motiva a procurá-las”. E nesse reconhecimento dos sujeitos/entrevistados, em que há diferenças e igualdades, nos exigirá uma maior responsabilidade pela interpretação.

Tem sido praxe, desde o início, na História Oral, reproduzir as palavras textuais das fontes, com empenho muito maior do que em outras disciplinas (nem mesmo a história documentária cita seus documentos de arquivo com o mesmo zelo com que os historiadores orais citam entrevistas). Assim, sejam quais forem as intenções que tivermos, o trabalho que realizamos adquire uma dimensão dialógica intrínseca, na qual nossas interpretações e explicações (expressamente claras) coexistem com as interpretações contidas nas palavras que reproduzimos de nossas fontes e, ainda, com as interpretações que os leitores delas fazem. (Portelli, 1997, p. 27).

Costa (2014, p. 51) também define que “interpretar é atribuir sentidos aos fatos narrados, é relacioná-los a uma teoria e, é estabelecer uma relação dialógica entre o corpus e o pesquisador – relação sempre mediada pela cultura”. Ou seja, a interpretação

atribui sentido e decodifica os símbolos, as imagens e os mitos, bem como destrincha o oculto que se esconde no visível dos gestos, olhares, silêncios e imaginação do narrador.

Portanto, compreender esse caminho teórico-metodológico através da História Oral é fundamental para a análise das narrativas e problematização da pesquisa, possibilitando apreender uma determinada dimensão cultural e os aspectos relativos à memória e à identidade no âmbito do contexto da pesquisa preterido, identificando e registrando as vivências e histórias desse lugar, interpretando, confrontando, refletindo e analisando as fontes, de modo a entender como as práticas de significação e representações são formadas na memória social e coletiva da escola de samba Imperatriz da Zona Norte.

A memória e a identidade da escola de samba Imperatriz da Zona Norte

Um olhar mais atento para a memória e a identidade é fundamental neste momento da pesquisa, pois estas são noções definidoras das relações constitutivas, presentes neste quadro da contemporaneidade e estão intrinsecamente ligadas aos sujeitos, ao passado e a própria História Oral. Portelli (1997) afirma que a essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória.

Logo, a pesquisa se desenvolve com sujeitos que estão, historicamente, ligados à escola de samba Imperatriz da Zona Norte, e que viveram suas experiências e histórias neste contexto social e cultural. Devem, portanto, estar dispostas a narrar suas versões sobre o passado, reconstituindo uma memória individual, mas que, enquanto processo, se configura também como uma memória social compartilhada, expressa e escrita por um pesquisador.

Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. (Portelli, 1997, p. 16).

Para Halbwachs (2004), as memórias individuais precisam se conectar com as dos outros, de modo que existam pontos de contato entre uma e as outras, para que a lembrança possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Ou seja, para o

autor não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança, mas sim que ela se construa a partir de dados ou de noções comuns de forma recíproca por quem fez e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. “Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída” (Halbwachs, 2004, p. 34).

Pollack (1989), a partir das concepções de Halbwachs, também observa que a memória coletiva não é uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, mas que ela acentuaria as funções positivas desempenhadas pela memória comum, reforçando uma coesão social de forma afetiva ao grupo, ou seja, uma “comunidade afetiva”.

Ao pensarmos, a partir desses elementos, a escola de samba promove dinâmicas e interações sociais que vão reforçar essa ideia de “comunidade afetiva”, pois, na maioria das vezes, as intenções e interesses são comuns entre os indivíduos que a compõem, sendo que a memória coletiva precisa da união das peças do passado de cada um, para que juntas possam reconstruir, coletivamente, a memória no presente.

Outro aspecto apresentado por Halbwachs (2004) refere-se que não estamos ainda habituados a falar da memória de um grupo, mesmo por metáfora, mas que ela pode ser individual ou, torna-se coletiva.

Parece que uma tal faculdade não possa existir e durar a não ser na medida em que está ligada a um corpo ou um cérebro individual. Admitamos todavia que haja, para as lembranças, duas maneiras de se organizar e que possam ora agrupar em torno de uma pessoa definida, que as considere de seu ponto de vista, ora distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são outras tantas imagens parciais. Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas. (Halbwachs, 2004, p. 53).

O autor ainda vai nos dizer que a memória individual não está inteiramente isolada e fechada. “Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” (Halbwachs, 2004, p. 54).

Enquanto processo, Achilles e Gondar (2016, p. 183), baseados em Walter Benjamin, vão se referir ao processo de reconstrução da memória como uma atividade de escavar as lembranças (cacos, fragmentos e ruínas).

A cada fragmento desenterrado, é como se estivéssemos alimentando esse mosaico a se formar. Escavar e desenterrar os cacos é um exercício praticado por todos nós para retirar do esquecimento determinadas nuances e detalhes que são afetadas por essa (ou por uma) ‘força estimuladora’. Na medida em que desenterramos e livramos cada fragmento do esquecimento, estamos ao mesmo tempo constituindo mosaicos (imagens). Todo esse exercício acontece por via da memória, que é o meio. Como afirma Benjamin ‘é o meio onde se deu a vivência, assim como o solo

é o meio no qual antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do passado soterrado deve agir como um homem que escava' (1987, p. 239). São os fragmentos que ganham uma especial atenção na obra de Benjamin, pois é a partir deles que a dinâmica da memória pode desvelar o que se encontra 'de baixo do tapete', ou seja, o processo das coisas que diferentes camadas podem revelar. (Achilles; Gondar, 2016, p. 184).

E esse escavar das lembranças serve tanto para a memória individual como para a memória coletiva, pois ambas necessitam retirar do esquecimento as experiências e vivências para que, somente assim, possamos revelar de fato o que nos interessa enquanto pesquisadores, na intenção de respondermos nossas questões e problemas.

Tedeschi (2014, p. 30) também enfatiza que: “interrogar a nossa própria memória coletiva é em si um processo transcendente, pois nos faz buscar ‘verdades’ construídas pelos grupos que se projetam na história”.

É fato que toda a memória é contida de subjetividade, fragmentos, e até esquecimentos, mas é somente a partir dela que poderemos compreender a constituição de uma possível identidade social nos lugares onde ocorrem.

Sendo a memória uma reconstrução continuamente atualizada do passado, e que busca restituir a memória desaparecida de uma pessoa, logo ela também busca restituir sua identidade, conforme nos aponta Candau (2011, p. 19): “Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente”.

Neste mister, Woodward (2014, p. 11) nos traz algumas implicações sobre o conceito de identidade. Para ela, “uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos”, e estão divididas em dez diferentes explicações centrais que dariam conta do conceito.

Para tratar dessas questões precisamos de explicações que possam esclarecer os conceitos centrais envolvidos nessa discussão, bem como de um quadro teórico que possa nos dar uma compreensão mais ampla dos processos que estão envolvidos na construção da identidade. [...] 1. Para compreendermos como a identidade funciona, precisamos conceitualizá-la e dividi-la em suas diferentes dimensões. 2. Com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável. 3. Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza; por exemplo, em algumas versões da identidade étnica, na “raça” e nas relações de parentesco. Mais frequentemente, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável. 4. A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcam

a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados). 5. A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais. 6. O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. E por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são ‘vivas’ nas relações sociais. 7. A conceitualização da identidade envolve o exame dos sistemas classificatórios que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas; 8. Algumas diferenças são marcadas, mas nesse processo algumas diferenças podem ser obscurecidas; 9. As identidades não são unificadas. Pode haver contradições no seu interior que têm que ser negociadas; Pode haver discrepâncias entre o nível coletivo e o nível individual; 10. Precisamos, ainda, explicar por que as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas. Por que as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade lhes oferecem? O nível psíquico também deve fazer parte da explicação; trata-se de uma dimensão que, juntamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade. Todos esses elementos contribuem para explicar como as identidades são formadas e mantidas [...]. (Woodward, 2014, p. 12-15).

Candau (2011, p. 9) explica que há um relativo consenso entre os pesquisadores em admitir que identidade seja uma construção social, que de certa maneira acontece de uma relação dialógica com o “outro”. Ou seja, ela sempre está em constante contato com os sujeitos e os lugares, nesse processo de construção social.

Hall (2006) também observa que a questão da identidade vem sendo discutida na teoria social, em que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. “A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (Hall, 2006, p. 7).

Esse locus de discussão acerca da “crise das identidades” abre espaço para que a cultura também seja debatida e analisada, onde o indivíduo vai significar e potencializar aquilo com que mais se identifica, e, neste caso, as culturas periféricas encontram espaço para uma possível reflexão sobre construção identitária.

Arelada a um grupo, a definição de identidade aumenta sua complexidade. Segundo Candau (2011), o termo é então utilizado em um sentido menos restrito, próximo ao de semelhança ou de similitude que satisfaz sempre uma inclinação natural do espírito. “Se admitirmos esse uso pouco rigoroso, metafórico, a identidade (cultural ou coletiva) é certamente uma representação” (Candau 2011, p. 25).

E, enquanto representação, a identidade vai produzir vários significados e tradições. Hall (2003, p. 74) diz que essa tradição funciona, em geral, menos como

doutrina do que como repertórios de significados: “Cada vez mais, os indivíduos recorrem a esses vínculos e estruturas nas quais se inscrevem para dar sentido ao mundo, sem serem rigorosamente atados a eles em cada detalhe de sua existência”. O autor também ressalta que:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). (Hall, 2006, p. 12-13).

Pollak (1989, p. 7) também acredita que as identidades coletivas são os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, para dar a cada um de seus membros, quer se trate de família ou de nação, o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência.

Neste sentido, os sujeitos que compõem a escola de samba também vão promover esses sentimentos descritos pelo autor e a escola de samba Imperatriz da Zona Norte, enquanto ambiente de convivências entre diversos, conduz esse sistema de representações e significados, da margem para o centro, potencializando uma possível identificação cultural e coletiva da cidade de Cruz Alta para com o carnaval.

Hoje, o carnaval de Cruz Alta é considerado o 3º melhor do Rio Grande do Sul, ficando atrás apenas de Porto Alegre e Uruguaiana, sendo referência para todo o estado. Acredita-se que, a partir das suas contribuições, enquanto uma escola de samba pioneira e transformadora, a escola de samba Imperatriz da Zona Norte tenha contribuído para um processo de construção identitária da sua comunidade, da cidade e até mesmo do estado, para com o carnaval de Cruz Alta.

Referências

ACHILLES, Daniele; GONDAR, Jô. A memória sob a perspectiva da experiência. *Morpheus*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, ago./dez. 2016.

BLOSS, Leila Maria da Silva. *Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do carnaval*. São Paulo: Annablume, 2007.

CANDAUI, Joel. *Memória e identidade*. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

COSTA, Cléria Botelho. A escuta do outro: dilemas da interpretação. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 47-65, jul./dez. 2014.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e historiografia no Brasil. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80-108, jan./mar. 2018.

FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 28, n. 47, p. 43-59, jan./jun. 2012.

GILL, Lorena; SILVA, Eduarda. Perspectivas para a História Oral. In: ROBERTT, Pedro; RECH, Carla; LISBERO, Pedro e FACHINETO, Rochele (Org.). *Metodologia em Ciências Sociais hoje: práticas, abordagens e experiências de investigação*. v. 2. Jundiá: Paco Editorial, 2016. p. 107-126.

GUSMÃO, Deyvesson Israel. *Entre mundos: História Oral com soldados da borracha*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Unir, Porto Velho, RO, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

JESUS, Thiago Silva de Amorim. *A linguagem do corpo no ritual carnavalesco do sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Unisul, Tubarão, SC, 2009.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3. p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 13-50, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>. Acesso em: 10 dez. 2023.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres*. Dourados: UFGD, 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. São Paulo: Vozes, 2014.

Recebido em 03/03/2023

Versão final reapresentada em 09/06/2023

Aprovado em 03/11/2023

Contribuições dos autores: Dal Forno, autor: pesquisa bibliográfica e escrita do artigo; Jesus, coautor: orientação e supervisão do artigo; Gandra, coautor: orientação e supervisão do artigo.